



MAO
Museu de Artes e Ofícios



MAO

Museu de Artes e Ofícios

J. Safra
Instituto Cultural



J. Safra
Instituto Cultural

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



O
Museu de
Artes e Ofícios

J. Safra
Instituto Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Museu de Artes e Ofícios. -- São Paulo : Instituto Cultural
J. Safra, 2019. -- (Museus Brasileiros ; 38)

Bibliografia.
ISBN 978-85-67492-06-3

1. Museu de Artes e Ofícios (MAO) - Belo Horizonte (MG) -
Acervo 2. Museu de Artes e Ofícios (MAO) -
Belo Horizonte (MG) - História 3. Museu de Artes e
Ofícios (MAO) - Belo Horizonte (MG) - Iconografia
I. Série.

19-30955

CDD-069.098151

Índices para catálogo sistemático:

1. Museu de Artes e Ofícios : MAO : Belo Horizonte : Cidade : História
069.098151
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Obras Publicadas

MASP - Museu de Arte de São Paulo - 1982
MAS-SP - Museu de Arte Sacra de São Paulo - 1983
MP-USP - Museu Paulista da Universidade de São Paulo - 1984
MNBA - Museu Nacional de Belas Artes - 1985
MPEG - Museu Paraense Emílio Goeldi - 1986
MAS-UFBA - Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia - 1987
MVBCB - Museu de Valores do Banco Central do Brasil - 1988
MHN - Museu Histórico Nacional - 1989
MAC-USP - Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - 1990
MLS - Museu Lasar Segall - 1991
MI - Museu Imperial - 1992
MRE - Itamaraty - 1993
PINACOTECA - Pinacoteca do Estado de São Paulo - 1994
INCONFIDÊNCIA - Museu da Inconfidência - 1995
MCM - Museus Castro Maya - 1996
MAB - Museu de Arte da Bahia - 1997
MAM-SP - Museu de Arte Moderna de São Paulo - 1998
MAM-RJ - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - 1999
MVBCB - Museu de Valores do Banco Central do Brasil - 2000
MUHNE - Museu do Homem do Nordeste - 2000
MAM-SP - Museu de Arte Moderna de São Paulo - 2001
MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul - 2001
MRE - Itamaraty - 2002
MCB - Museu da Casa Brasileira - 2002
MEPE - Museu do Estado de Pernambuco - 2003
BIBLIOTECA NACIONAL - Fundação Biblioteca Nacional - 2004
PINACOTECA MUNICIPAL - 2005
MAPRO - Museu Mariano Procópio - 2006
MUSEU NACIONAL - 2007
MAM-BA - Museu de Arte Moderna da Bahia - 2008
FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO - 2009
MUSEU AFRO BRASIL - 2010
MUSEU DA REPÚBLICA - 2011
MUSEU DO CEARÁ - 2012
MUSEU CASA DE RUI BARBOSA - 2013
MUSEU DO FUTEBOL - 2014
MUSEU OSCAR NIEMEYER - 2015
PINACOTECA - Pinacoteca do Estado de São Paulo - 2016
MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - 2017
MAR - Museu de Arte do Rio - 2018

Sobre capa: Fachada do Museu de Artes e Ofícios

Capa: Hall de entrada do museu

Copyright © Instituto Cultural J. Safra. Impresso no Brasil

Todos os sinais distintivos (incluindo, mas não limitado às marcas e nomes empresariais) identificados nesta publicação são propriedade e objeto de direitos exclusivos de seus respectivos proprietários, titulares e/ou licenciados.

O
Museu de
Artes e Ofícios

Acervo

As Energias

Para mover o mundo, o homem logo inventou meios de gerar e captar energia. Além de sua própria força física, o poder da água e a tração animal ensejaram o funcionamento de engenhosas invenções, como os moinhos e moendas.

TORNO DE PEDAL

Século XIX

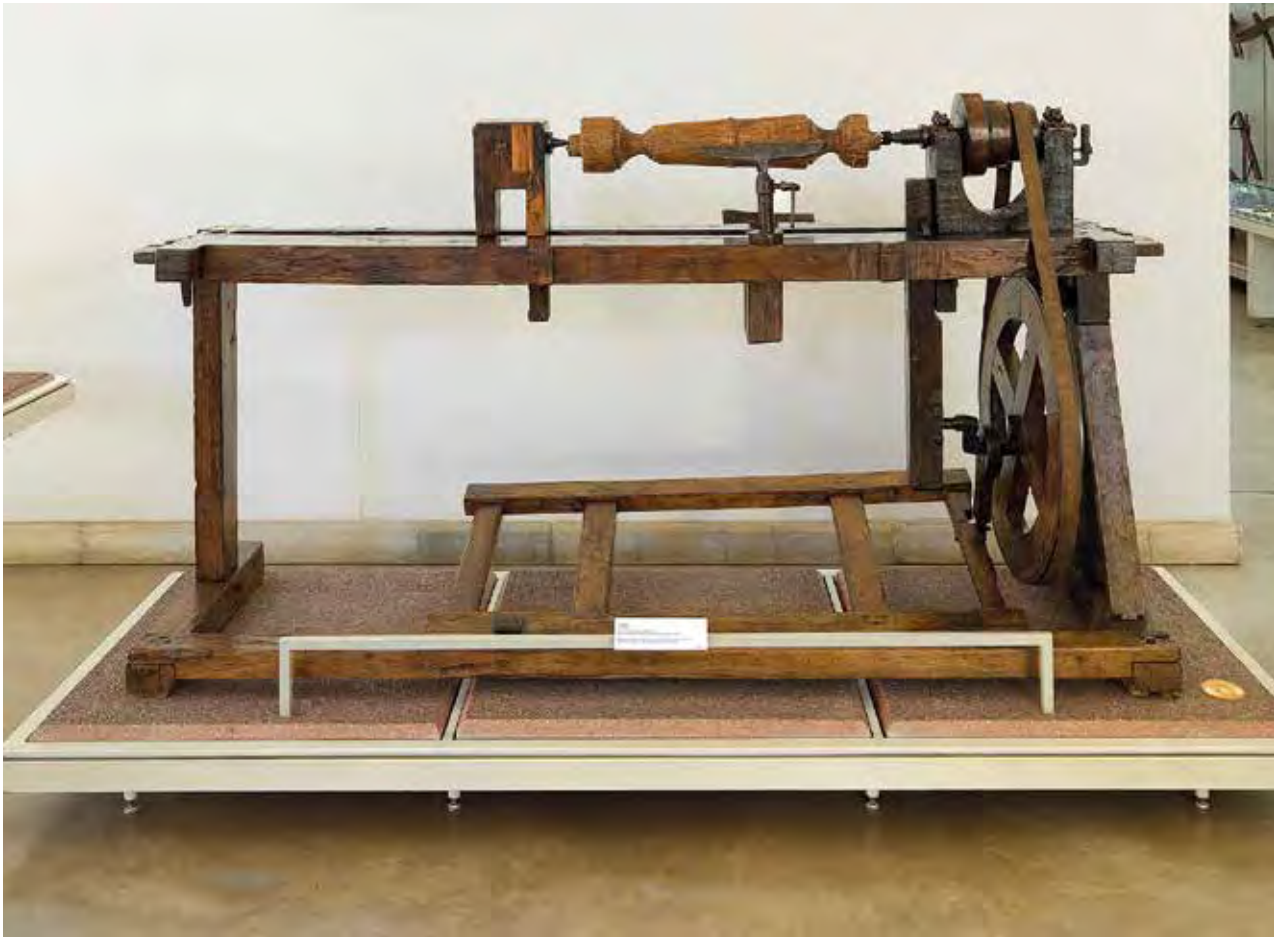
Ferro, madeira

Fundição, recorte, torneamento e verniz

120 x 226 x 70 cm

Humana

O processador de grãos, o monjolo de pé e o torno de marcha geram energia a partir da intervenção humana em suas engrenagens. Dão testemunho de como o homem e a mulher produzem energia com o seu próprio suor.





MONJOLO DE PÉ

Século XIX/XX

Madeira

Recorte, entalhe, encaixe e verniz

141 x 117 x 241 cm



MOENDA MANUAL

Século XIX/XX; Madeira, ferro e pedra; Encaixe, recorte e fundição; 110 x 81 x 114 cm



DEBULHADORA



MOENDA DE CANA MANUAL

Século XX; Ferro e madeira; Fundição, recorte, torneamento e verniz; 105 x 122 x 53 cm



*MÁQUINA DE COSTURA PORTÁTIL
COM TAMPA*

Século XIX/XX
Madeira e ferro
Recorte, encaixe e fundição
29 x 24 x 44 cm

DEBULHADORAS

Início do século XX
Madeira e ferro
104 x 56 x 56 cm e 118 x 75 x 62 cm



Animal

Para a tração animal, há uma diversidade de instrumentos, como as can-gas, que têm maior ou menor porte, de acordo com o animal, um boi ou um bode. Coloca-se a coalheira como um colar no cavalo ou muar para puxar arados e roçadeiras. Está presente uma moenda de cana movida a tração animal.









NIVELADORA DE SOLO



ARADO

Século XX; Ferro e madeira; Fundição, recorte e encaixe; 94 x 168 x 72 cm



MOINHO DE FUBÁ

RODA D'ÁGUA

Hidráulica

O moinho de água horizontal e a roda de água horizontal com sistema de polias reportam-se à força da água a serviço das atividades rurais. O rodízio é o órgão motor que, ao receber o jato de água, põe em movimento o moinho. O pilão tem vários tipos, e era usado tanto para fazer farinha como para triturar minério ou extrair pedras preciosas.









FURADOR, PLAINA E TORNO HIDRÁULICO



FURADOR

Século XIX ; Madeira e ferro; Recorte, entalhe, encaixe, verniz e fundição

Engrenagens

198 As rodas de engenho e de moinho e os rodízios enfatizam a importância das engrenagens no funcionamento dos aparelhos geradores de energia.





RODAS D'ÁGUA

Século XVIII/XIX; Ferro e madeira; Fundição, entalhe, encaixe, recorte e verniz

RODÍZIO

Século XVIII/XIX

200 Madeira e ferro; Recorte, entalhe e fundição; 143 x 96 cm





RODAS D'ÁGUA



Ofícios do Fogo

O fascínio do fogo levou primitivamente ao seu culto e à apropriação de seus poderes para as mais variadas finalidades, a começar pela produção de alimentos. Graças ao fogo, surgiu o ferro e teve início o processo transformador da indústria.



CADINHO E FURADOR

Século XVIII/XIX/XX

Ferro

Fundição

Fundidor

O ferro de solda em estanho, a pá, tenazes e alisadores, martelo de forja, malhos, degoladores e contramoldes, concha de forja, cadinhos e fôrmas, além dos foles, são manuseados pelo fundidor.



Funileiro

A bigorna, o laminador de fios, o macaco de coluna, as lingoteiras e as tenazes são essenciais nessa oficina. A punção de vergueiro assinala e perfura pontos, enquanto o assentador serve para alisar superfícies rebaixadas. A alfeça era igualmente usada para perfurações. Muitas são as fôrmas para fundição. Os variados estribos e correntes comprovam o belo resultado do trabalho.



Ferreiro

Tenazes, o alicate e o alicatão, enroladores de fio, pá, barrilete, bigorna e torno, o ferreiro está pronto para ferrar o animal. Com a tenaz, o ferreiro pode forjar peças protegendo as mãos. O aziar utiliza-se para segurar o animal no momento da ferragem. Os foles garantem o acendimento ou a manutenção do fogo.





FOLE DE FORJA COM TENAZ

Século XVIII; Madeira, ferro, latão e cordão; Recorte, torneamento, encaixe, fundição e repuxo

CADINHOS

212 Século XVIII/XIX; Ferro; Fundição





TACHOS E ESCUMADEIRAS





LAMINADOR E MACACO DE COLUNA



BIGORNA

Século XIX

Ferro

Fundição

45 x 44 x 12 cm



Ofícios da Mineração

Extrair da terra os minerais para a confecção de peças e estruturas essenciais ao progresso e para a ornamentação dos rituais de todos e de cada qual, eis o móvel e a meta dos ofícios das minas.

Minerador e garimpeiro

Bateias de madeira e alumínio, picaretas e enxadas, caçambas de draga, lanternas para o trabalho nos aluviões dos rios e nas galerias das minas contam como se trabalha na mineração. Os picões e os almocafres (acurvados no dorso) eram usados na extração de gemas preciosas incrustadas na rocha.





BATEIAS

Século XVIII/XIX

Madeira

Recorte, entalhe e verniz



PILÃO

Século XIX/XX; Madeira e ferro; Entalhe, encaixe, verniz e fundição; 66 x 316 x 188 cm



GAMELA



LANTERNAS

Século XIX e XX; Ferro, vidro e bronze; Fundição e encaixe

Ofícios da Lapidação e da Ourivesaria

O ouro e as pedras preciosas instigaram o esplendor da arte dos lapidadores e dos ourives. Desde a antiguidade, esses artífices destacaram-se pelo labor refinado e esteticamente deslumbrante. Apesar das restrições do período colonial, quando a metrópole detinha a hegemonia de tais ofícios, notáveis mestres tiveram suas oficinas na Bahia, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais.

Lapidador

Primeiro o cofre forte, para a guarda das pedras preciosas. E os baús. Em seguida, os laminadores e os crivos, que eram usados na separação das pedras por peneiração, em especial os diamantes. Facões, balanças, escumadeiras, conchas e funis fazem parte do universo da lapidação. Os mais diferenciados tipos de candeias e candeeiros, lanternas, lamparinas e lâmpões iluminam o trabalho dos lapidadores, ourives e mineradores.

A Ouros e Lapidador

Os ourives e lapidadores são profissionais que trabalham com metais preciosos e pedras preciosas. O ourives trabalha com a transformação de metais preciosos em objetos de valor, como joias e utensílios. O lapidador trabalha com a transformação de pedras preciosas em joias e utensílios.

B Oficina de Lapidación e Ourivesaria





Ourives

A caixa para transporte de ouro em barra vem do século XIX e pertenceu à famosa Mina de Morro Velho, em Nova Lima. O conjunto de cadinhos e o conjunto de blocos embutidores (para embutir ou moldar em formas arredondadas), o conjunto de feiras (para dar forma aos fios metálicos) e o conjunto de tarraxas de palmatória (para abrir roscas em hastes de pequeno diâmetro) evidenciam os pormenores de uma arte extremamente



detalhista. As ponteiras e as punções de bico (para marcar piques nas peças metálicas) fazem-se presentes, ao lado de balanças, medidores, moldes e contramoldes, martelinhos, maçaricos, limas, tesouras, compassos e matrizes para gravura. As quinteiras são medidores de ouro, e há conjuntos de barretes para a medida dos anéis. As bancadas de ourives são a cena em que o oficial exerce a sua grande arte. Há mesas com segredo.



MESA DE OURIVES COM SEGREDO





CRIVOS

Século XIX/XX

CADINHOS

Século XIX/XX

Grafite

Entalhe

*CAIXA PARA TRANSPORTE DE
OURO EM BARRA*

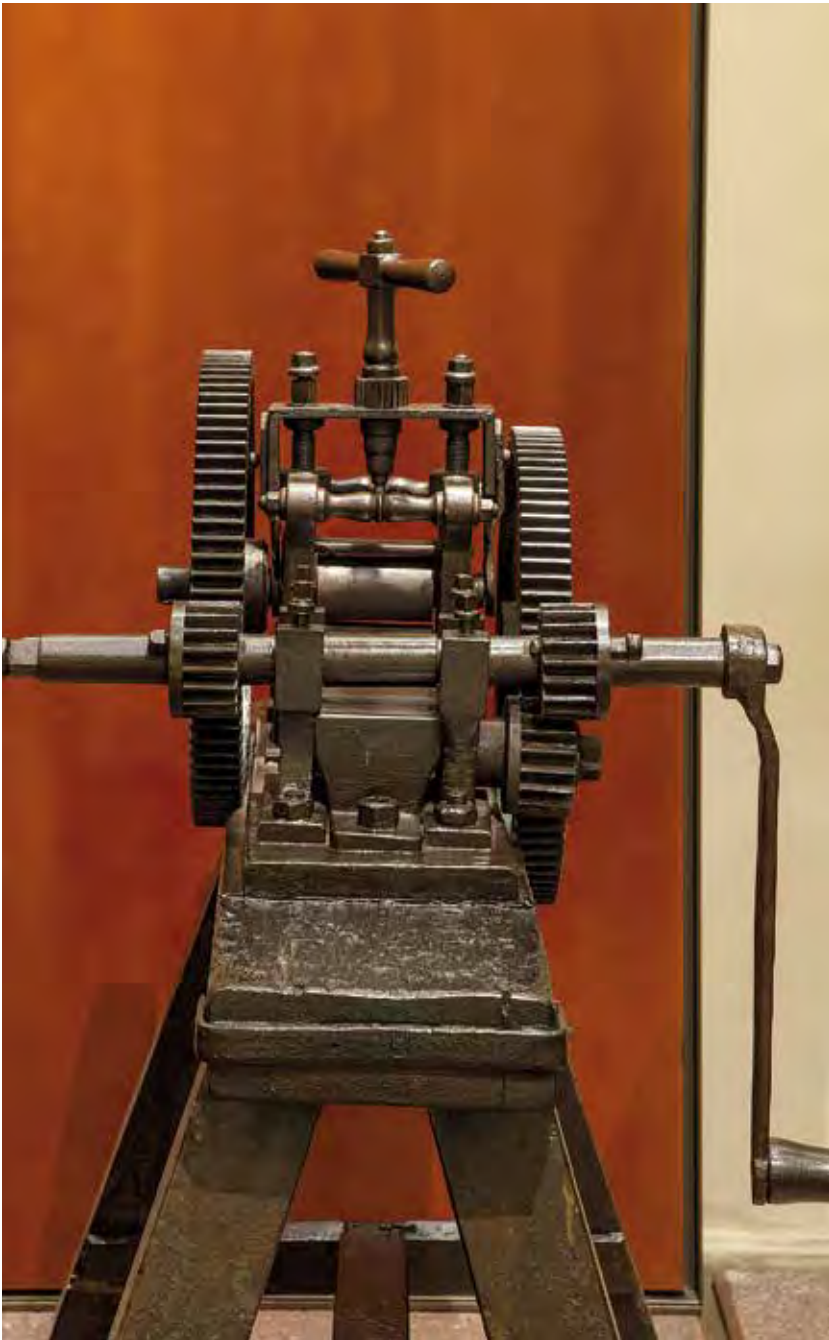
Século XIX

Madeira

9,5 x 26 x 15 cm

Pertenceu a Mina de Morro Velho.
Inscrição: ST. JOHN DEL REY
COMPANY LIMITED - 1830
"MORRO VELHO BRAZIL".





LAMINADOR

Século XX

Aço, ferro e madeira

Fundição, recorte, torneamento e verniz

116 x 80 x 113 cm



Ofícios da Terra

Os ofícios da terra iluminam a aurora das civilizações.

No Brasil, tudo começou com o ciclo da cana de açúcar.

Mais tarde, o café dominou a história do país. Na atualidade, a agricultura mantém um papel fundamental na economia.



Lavrador

O alforje de couro, com as provisões para a jornada no campo, o enrolador de fumo, o descascador de café, a debulhadora de milho, as enxadas (século XVIII) e a bomba de matar formiga com fole (século XIX) ilustram a saga do agricultor.

A

Lavrador

Para preparar o café, os lavradores
moagem o grão e separam
o café verde do cascaço.
Este processo é feito
em moinhos manuais, geralmente
operados por animais.

Fonte: [www.cafecultura.com.br](#)

B9

Ofícios da Terra



ALAMBIQUES

Século XIX

Pedra, cobre, madeira e cerâmica

Fundição e entalhe

Alambiqueiro

Os alambiques de madeira, cobre, cerâmica e pedra sabão, o banco para secar garrafas, o tonel e a serpentina falam do ofício dos mestres da aguardente nacional por excelência, a cachaça de cana de açúcar, fabricada de Norte a Sul.





ALAMBIQUES

Século XVIII/XIX

Pedra-sabão e cobre



Mestre de açúcar

O açúcar e as artes de seus maiorais. Par de fôrmas para pão de açúcar (origem do nome dado à pedra da orla carioca), fôrmas para rapadura, tachos, cochos, escumadeiras e conchas de cobre vêm de antigos engenhos açucareiros.



Ofícios do Couro

As fazendas que ultrapassaram as Minas e se estenderam pelos Gerais contam um dos mais numerosos rebanhos do país. As artes do couro desde sempre prosperaram e delas aqui se reúnem registros significativos.

*TAMBORES PARA CURTIMENTO
DO COURO*

Século XIX/XX
Madeira e ferro
Recorte, verniz e fundição
210 x 50 x 210 cm

Curtidor

O curtimento artesanal e manufatureiro, valendo-se de cascas de árvores e produtos químicos, leva ao couro cru, fino e flexível, e ao couro curtido, também chamado de sola. Nas fazendas, acontece a prática artesanal, enquanto os curtumes manufaturam em maior escala. Entre os que trabalham com o couro, há os trançadores que artisticamente criam cabrestos, chicotes e laços. Tambores para curtimento, carrinhos de mão, pranchas e mesas de trabalho, facas, ganchos e varas especiais referem o couro, como um avental cujo uso constante moldou o corpo do trabalhador.





*DETALHE DO TAMBOR PARA
CURTIMENTO DO COURO*

Século XIX/XX

Madeira e ferro

Recorte, verniz e fundição

210 x 50 x 210 cm



Sapateiro e chapeleiro

Antes da moderna indústria de calçados, havia por toda parte oficinas de sapateiros, bem como de chapeleiros, pois foi inconcebível, até à década de 1960, que um homem não usasse chapéu. Fôrmas para moldar e torno para alargar o chapéu, a mesa, amolador, maço, raspadeira, talas lembram o fabrico artesanal de chapéus. Bancas, mesas, pés de ferro com três pontas, fôrmas de madeira, roletes, lustradores, sovelas para costura, máquinas de furar e estojos de ferramentas são herança dos sapateiros artesanais.





AVENTAL DE COURO

Século XIX
Couro, recorte
80 x 62 x 27,5 cm

MÁQUINA DE COSTURAR COURO

Início do Século XX
Ferro e madeira
Fundição
125 x 115 cm





BANCA DE SAPATEIRO

Século XIX/XX; Madeira e pregos; Recorte e verniz; 41 x 73 x 42 cm



Seleiro

Os cacos são armações em madeira que dão a forma da sela de montaria, ajustada ao dorso do animal. Os cavaletes para a montagem das selas facilitam o trabalho do mestre. Com seu avental igualmente feito de couro, ele se debruça sobre as mesas próprias do ofício, manejando as facas para o corte. As cordas utilizadas são feitas de três tiras trançadas de couro cru. Prensas e máquina de costurar couro ajudam no acabamento da peça. As selas de montaria são elegantes e revelam os dotes artísticos do seleiro.





SELAS DE MONTARIA

Século XX
Madeira e couro
29 x 93 x 67 cm



Ofícios da Cerâmica

Modelada à mão, com ou sem equipamentos, ou feita no torno, a cerâmica é um dos mais antigos artesanatos e ícones culturais de uma região.

Das urnas para enterramento dos indígenas às obras dos mestres do Vale do Jequitinhonha, a história registra-se no barro.

Ceramista

Um fogareiro de barro, panelas, gamelas, alguidares, forninhos de cachimbos usados pelos garimpeiros, potes e jarros foram criados por exímios ceramistas e dão testemunho de sua arte.







PRENSA PARA TELHA FRANCESA

Século XX

Madeira e ferro

Recorte, encaixe e fundição





*CONJUNTO DE FORNILHOS
DE CACHIMBO*

Século XVIII a XX
Cerâmica
Modelagem e cozimento
5 x 6 x 3 cm

POTES

Século XX
Cerâmica
Modelagem e cozimento

Oleiro

274 Torno de oleiro, fôrmas, prensas manuais para telhas francesas e tipo capa, variados tipos de telha trazem a contribuição do oleiro à formação do país.





CUSCUZEIRO

Século XIX/XX; Cerâmica; Modelagem e cozimento; 26,5 x 19 cm

MORINGAS

Século XX; Cerâmica; Modelagem e cozimento



Ofícios dos Alimentos

A conservação e a transformação dos alimentos requerem ofícios especiais. Os fabricantes de farinha tiveram sempre mercado certo para seus produtos, que em cada região do país ganham uma versão peculiar.

Cozinha

A cozinha é a parte mais importante da casa brasileira. Nela a mulher não tem mais o monopólio, mas durante muito tempo sua hegemonia foi absoluta. A cozinheira dominava o fogão a lenha, os tachos de ferro, as panelas de barro e de pedra, as gamelas, os talheres e uma infinidade de itens que compõem o mundo dos sabores.







MOEDOR DE CAFÉ

MANCEBO COM BULE









ALMOFARIZES E PILÕES

Século XIX/XX; Madeira; Recorte, entalhe e verniz

PRENSA DE FARINHA

Século XIX/XX

Madeira

Recorte, entalhe e encaixe

154 x 156 x 59 cm

Farinheiro

Desde os mitos indígenas, a mandioca se impõe ao paladar do brasileiro. E do milho vem o fubá a fim de complementar a variedade da mesa. Ralador manual de mandioca, raladores diversos, pilões, almofarizes, prensas, pás e gamelas são instrumentos tradicionais. No pubeiro fermenta-se a mandioca, e no tipiti é espremida a mandioca ralada para eliminação do soro. Batedeiras manuais, rolos para abrir cada tipo de massa, tulhas (caixas de madeira para guarda de alimentos), fôrmas de bolos e pudins, manteigas e doces e diferentes colheres complementam a oficina do farinheiro.



FARINHEIRO (INDÍGENA)

TIPITI

Século XX
Fibra de folha de palmeira
Cestaria
125 x 15 x 9 cm

O tipiti serve para espremer a mandioca ralada e eliminar o soro.

CESTO

Século XX
Fibra vegetal
Trançagem e cestaria
38,6 x 40 cm

PUBEIROS

Século XX
Cerâmica manual
Cozimento e modelagem

Usados para a fermentação da mandioca.





RALADOR MANUAL DE MANDIOCA

Século XIX/XX

Madeira e ferro

Entalhe, encaixe, verniz e fundição

164 x 320 x 76 cm

Também conhecido como “caititu”.

OFÍCIOS DA FARINHA

Abridores de Massas, fôrmas para bolos, bateadeiras manuais e tulhas para armazenar a farinha e grãos.





ROLO PARA ABRIR MASSAS

Século XIX/XX; Madeira e ferro; Recorte, entalhe, encaixe, verniz e fundição; 100 x 138 x 93 cm

RALADOR

Século XIX/XX; Madeira, latão e cobre; Fundição, repuxo, recorte e perfuração; 28 x 14 x 7 cm

MOENDA MANUAL

294 Século XX; Madeira, ferro e folha de zinco; Recorte, entalhe, verniz e fundição





BATEDEIRA DE MANTEIGA

Século XIX/XX

Madeira e ferro

Recorte, entalhe, encaixe, verniz e fundição

104 x 124 x 58 cm

PRENSAS E FÔRMAS PARA QUEIJOS

Queijeiro e manteigueiro

As bateadeiras de manteiga, as leiteiras, as fôrmas e prensas de queijo, as mesas de madeira para drenagem do queijo, as gamelas e bandejas, as caixas, aí está o caminho que conduziu o queijo ao título de patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais e do Brasil.





MESA PARA DRENAGEM DO SORO

Século XX

Madeira

Recorte, entalhe e encaixe

79,5 x 68 x 325 cm



FÔRMAS PARA QUEIJO

Século XIX/XX; Madeira; Recorte, entalhe e verniz



PRENSAS DE QUEIJO

Século XX

Madeira e ferro

Recorte, entalhe, encaixe, verniz e fundição.

PRENSAS E FÔRMAS DE QUEIJO

Século XX



Açougueiro

302 Machadinhas, varal para carne, salgadeira (mesa para salgar carne de porco), panelas e potes, caldeirões e caçarolas colocam o açougueiro em ação.



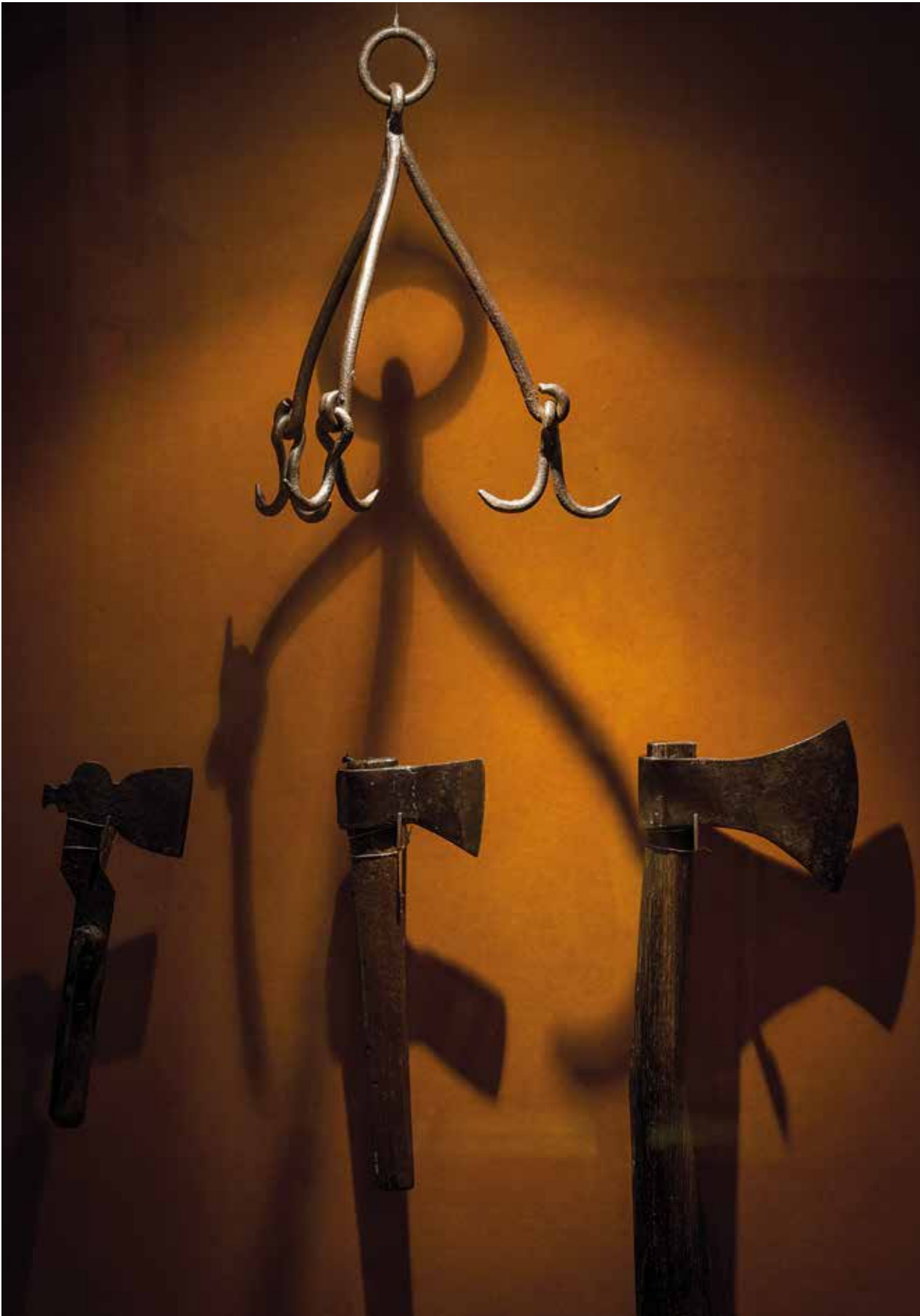
GANCHO E MACHADINHAS

Século XIX/XX

Vale do Jequitinhonha

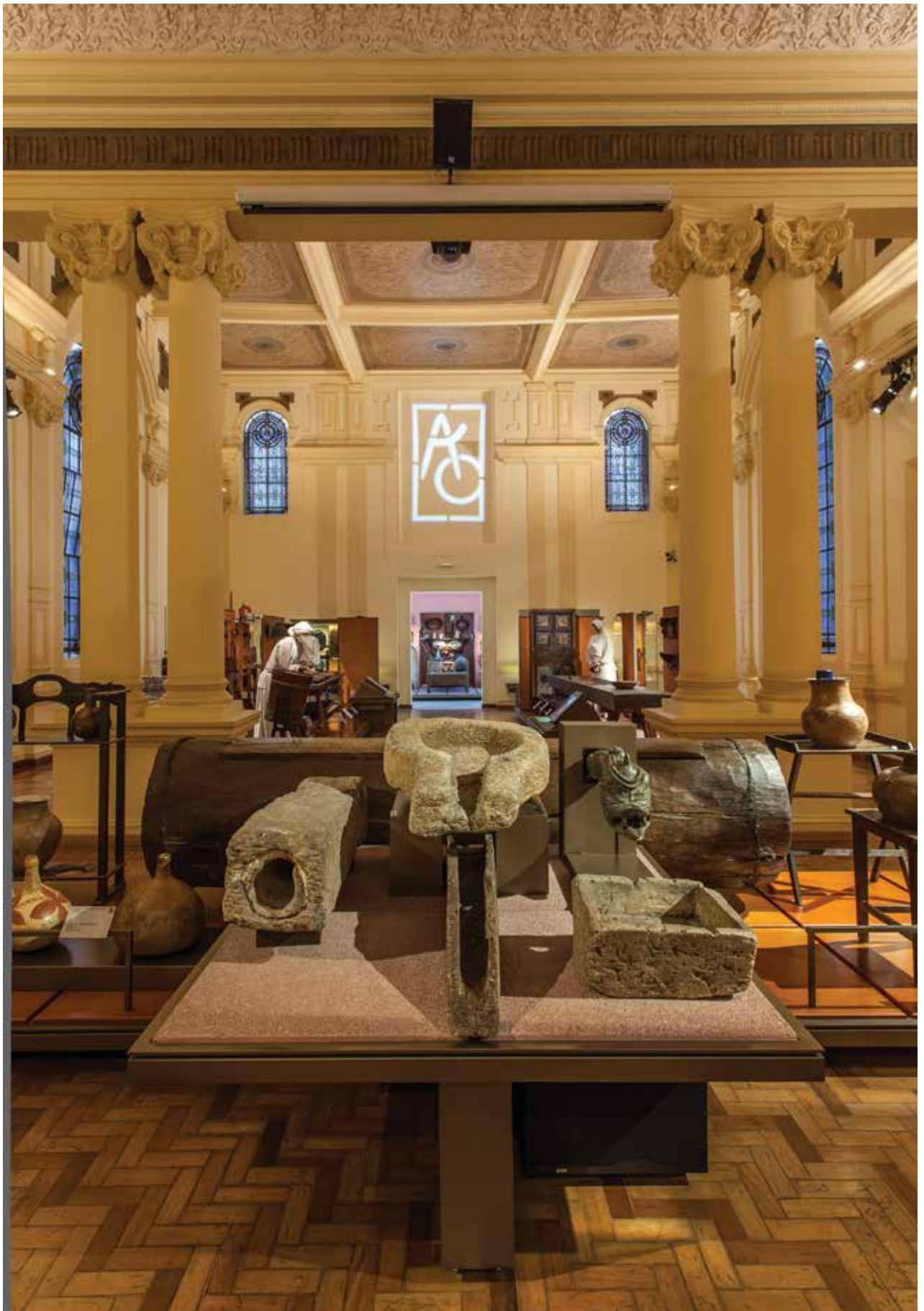
Aço, Ferro e madeira

Fundição e recorte



Água

Elemento vital, a água implica uma série de objetos e instrumentos para que esteja pura e próxima. Potes cerâmicos e poteiros, garrafões, talhas e bilhas, sopeiras e cuscuzeiros, torneiras, escorredores de pratos, jarros e moringas contém água que veio pelos dutos de pedra sabão, recorrentes nas antigas vilas do ouro.







Ofícios do Fio e dos Tecidos

O algodão tem protagonismo na história do Brasil. No período colonial, a fabricação de tecidos era proibida, mas em Minas Gerais foi tão intensa a atividade dos fiandeiros e tecelões que Portugal mandou quebrar todas as rocas da Capitania.



RODA DE FIAR

Século XIX

Madeira, ferro e couro

Recorte, torneamento, verniz e fundição

91 x 92 x 47 cm

Fiandeira

Descaroçador de algodão, roda de fiar e arco do Indostão (para separar as fibras do algodão) passam pelas mãos da fiandeira.



RODAS DE FIAR

Século XIX

Madeira, ferro e couro

Recorte, torneamento, verniz e fundição







Tecelã

O tear, as folhas de liço (separam o urdume em duas carnadas por entre as quais passa a trama), espadilhas, pentes, carretéis, lançadeiras e balança enredam o ofício da tecelã.



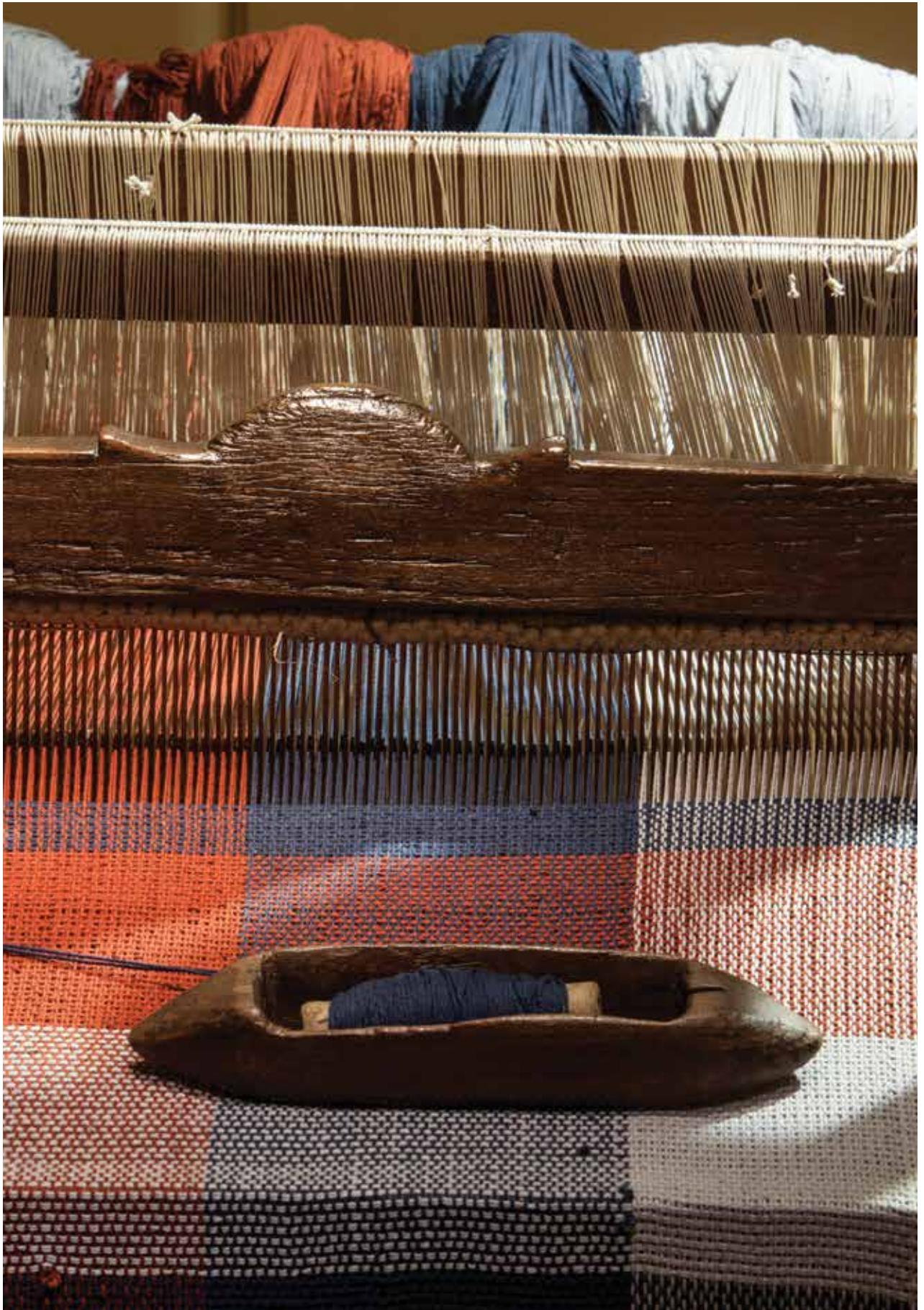


TEAR

Século XIX/ XX; Madeira, bambu e cordão; Recorte, torneamento, encaixe, encordoamento e verniz; 205 x 161 x 182 cm

LANÇADEIRA

318 Século XIX/XX; Madeira e bambu; Recorte, entalhe e verniz



Rendeira

A mesa de madeira e ferro do século XIX, o balaio com conjunto de bilros, a almofada de bilros com seu suporte, os piques (moldes de papelão), tábuas para passar mangas, ferro de passar roupa, ferro de entiotar renda, almofada de alfaiate procedem da casa das famosas rendeiras.



BILROS

Século XIX/XX



*ALMOFADA DE BILROS
COM SUPORTE*

Século XIX/XX
Madeira, pano e algodão
Recorte, encaixe e costura
52,6 x 25 x 47 cm





NOVELOS

RODA DE FIAR

Século XIX/XX

Madeira e ferro

Recorte, torneamento, verniz e fundição

89 x 36 x 29 cm



Costureira

As máquinas de costura tradicionais dos séculos XIX e XX, a máquina de plissar, a mesa de trabalho, a tesoura, a máquina portátil, as latas de folha de Flandres para botões e o manequim de costureira refazem o ambiente em que reinaram as mãos ágeis e habilidosas da mais prendada costureira.





LATA COM BOTÕES

Século XIX/XX

Latão

Fundição

8 x 10 x 4 cm

MÁQUINA DE COSTURA

Século XIX/XX

Madeira e ferro

Recorte, encaixe e fundição

103 x 36 x 120 cm



Créditos

*FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE
MINAS GERAIS - FIEMG*

Flávio Roscoe Nogueira
Presidente

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA – SESI DR/MG

Cláudio Marcassa
Superintendente

Luciene Regina Araújo
Gerente de Responsabilidade Social Empresarial

SESI MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS

Humberto Rezende Costa Filho
Gerente

Supervisão

Gabriela Araujo Batista
Marina de Toledo Afonso de Araujo
Rubia Quintão Fernandes Moura

Setor Educativo e Museológico

Rafael Pereira Santos
Flávia Lumena Queiroz Bittar
Thiago Ferreira de Oliveira
Rodrigo de Carvalho
Kamila Antunes Loura Cerdeira
Leopoldo Marçal Maia Alves
Marília Rodrigues Alves de Souza
Victor Oliveira Porto Carvalho

Setor Administrativo Operacional

Caio Corrêa
Jair da Silva Gama
Luana Fatima Rodrigues
Dayse Nayara Gomes
Danton Lucas Ribeiro Rodrigues

Instituto Cultural Flávio Gutierrez

Angela Gutierrez
Presidente

Ana Beatris Batista Silva
Coordenação Geral

Ana Cristina Jardim de Melo
Gerente de Planejamento

Carolina Garcia Carvalho
Gerente de Recursos Humanos

Lázaro Silva Oliveira
Gerente Administrativo

Wellington L Carvalho - CTC Ltda.
Contabilidade

Instituto Cultural J. Safrá

Joseph Safrá

Augusto Francisco Filho
Dionysios Emmanuil Inglesis
Edson Marinelli
José Roberto Marcelino dos Santos

Cláudia Martins
Danilo Henrique Carvalho
Marcello Augusto Pinto
Marcio Mendonça de Assis

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Angela Gutierrez

TEXTOS E PESQUISA

Angelo Oswaldo de Araújo Santos
Antônio Tomasi

CATALOGAÇÃO DO ACERVO E LEGENDAS

Grupo Oficina do Restauro

FOTOGRAFIA

Rômulo e Valentino Fialdini (Capa e págs. 13, 15, 17, 23, 24, 25, 27, 36, 39, 44, 46, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 77, 79, 81, 82, 87, 88, 92, 95, 107, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 125, 136, 139, 144, 145, 147, 151, 157, 158, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 175, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 191, 200, 201, 202, 203, 206, 211, 212, 213, 214, 215, 227, 246, 258, 274, 276, 277, 287, 291, 299, 314, 315 e 329)

Daniel Mansur (Sobrecapa e págs. 11, 12, 14, 22, 26, 37, 38, 39, 41, 43, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 62, 63, 65, 67, 71, 75, 76, 80, 81, 83, 85, 86, 89, 91, 93, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 106, 108, 109, 110, 111, 113, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 130, 131, 132, 133, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 146, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 161, 162, 163, 164, 173, 174, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 207, 209, 216, 217, 223, 225, 226, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 242, 243, 245, 247, 249, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 270, 271, 273, 275, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 289, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 300, 301, 303, 305, 307, 308, 309, 312, 313, 316, 317, 318, 319, 321, 323, 325, 326, 327, 330 e 331)
Kelvin Mckolen (pág. 234)

DESENHOS

Pierre Catel (págs. 19 a 21)

Todos os esforços foram feitos para identificar os detentores dos direitos autorais das imagens aqui reproduzidas.

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E TRATAMENTO DE IMAGENS

Paragrapho

IMPRESSÃO

Ipsis Gráfica e Editora

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução, total ou parcial desta obra de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotográfico e por gravação sem prévia autorização.



museu de
Artes &
Ofícios

Praça Rui Barbosa, 600 - Centro
Belo Horizonte - MG
30160-000

www.maosesifemg.com.br